



## Análise codicológica e paleográfica de cartas pessoais novecentistas

*Codicological and paleographic analysis of personal letters from the 19th century*

Priscila Starline Estrela Tuy Batista\*  
*Universidade de São Paulo*  
São Paulo, Brasil

Maria Clara Paixão de Sousa\*\*  
*Universidade de São Paulo*  
São Paulo, Brasil

**Resumo:** Neste artigo apresentamos um estudo filológico a partir da descrição breve, entretanto detalhada, de aspectos codicológicos e paleográficos de um conjunto composto por quatro manuscritos novecentistas escritos por baianos pouco hábeis, oriundos de cidades interioranas e de zonas rurais do estado da Bahia. Também propomos uma investigação acerca do modelo de escrita utilizado por tais redatores, partindo da hipótese de que esses indivíduos, pouco escolarizados, utilizaram os manuais popularmente conhecidos como Paleógrafos, adotados nas escolas de Primeiras Letras da Bahia e por professores que ofereciam aulas particulares.

**Palavras-chave:** Cartas pessoais novecentistas. Análise codicológica. Análise paleográfica. Manuais elementares.

**Abstract:** In this article we present a philological study based on the brief, however detailed, description of codicological and paleographic aspects of a set composed of four manuscripts written by unskilled Bahians, in the first half of the twentieth century, from interior cities and rural areas of the state from Bahia. We also propose an investigation about the writing model used by such writers, based on the hypothesis that these individuals, poorly educated, used the manuals popularly known as Paleographers, adopted in the schools of Primeiras Letras da Bahia and by teachers who offered private lessons.

**Keywords:** Personal letters from the 19th century. Codicological analysis. Paleographic analysis. Elementary manuals.

---

\* Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil – [priscilatuy@usp.br](mailto:priscilatuy@usp.br).

\*\* Professora junto ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil – [mariaclara@usp.br](mailto:mariaclara@usp.br).

## 1 INTRODUÇÃO

O trabalho filológico exige do pesquisador expertise acerca das possibilidades de investigação que os documentos podem oferecer, seja sobre o suporte utilizado, que possivelmente trará indícios da história sociocultural dos escreventes, ou da história da língua, a partir da análise atenta da grafia empregada, por exemplo. A filologia, junto às disciplinas aliadas ao labor filológico, nos orienta pelos caminhos mais diversificados rumo às descobertas que podemos fazer a partir desses textos. Desse modo, para a análise aqui proposta, nos amparamos na codicologia e na paleografia enquanto disciplinas auxiliares à investigação filológica.

A descrição codicológica permite-nos tecer considerações acerca dos aspectos materiais dos manuscritos, estado de conservação, origem e conteúdo; além de determinar uma datação estimada daqueles não datados e verificar se há anotações tardias feitas por terceiros, sendo possível oferecer aos pesquisadores, que não tiveram contato com os originais, um retrato fiel dos manuscritos (CAMBRAIA, 2005; MONTE, 2009; SPINA, 1977; entre outros).

Já a análise paleográfica, além de garantir a leitura correta e a transcrição fidedigna dos textos, que permite-nos compor um material confiável no que diz respeito aos elementos intrínsecos e extrínsecos dos manuscritos, auxilia-nos em um exame mais profundo dos documentos. Como já discutido por diversos estudiosos (PETRUCCI, 2003; SOUZA, 2018; TELLES, 2018, entre outros), a paleografia “não é apenas, como geralmente se entende, a arte de decifrar escritas antigas” (CASTRO, 1991, p. 176), é algo mais. Petrucci (1986), define a paleografia como a disciplina que estuda a história da escrita, especialmente da escrita à mão, levando em consideração as diferentes fases, as técnicas de escrita dos diferentes períodos, o processo de produção, assim como os produtos resultantes desse processo.

Ao realizar a análise paleográfica dos textos, o ideal é que sejam levados em consideração os demais aspectos que concernem à *história da escrita*, as *técnicas praticadas para escrever*, os *processos de produção* e os *produtos desse processo*, não apenas a decifração da escrita antiga, ou ainda, investigá-los de maneira dissociada. Como já explicitado por Souza (2018), a atual discussão no ambiente acadêmico tem evidenciado

[...] a impossibilidade de haver análise intrínseca ou extrínseca; uma leitura objetiva de textos que não estejam marcados pela subjetividade, ou que observem as diferenças entre os scriptores –, podemos inferir que o principal aspecto que temos de observar para os estudos paleográficos na contemporaneidade estão plenamente informados por questões teóricas que estão sendo debatidas na contemporaneidade. Não conseguimos mais produzir no âmbito da história da leitura e da escrita, das transmissões textuais sem considerar a dimensão subjetiva, histórica, cultural, material dos sujeitos que elaboraram textos e os legaram para a contemporaneidade. Mais que decifração dos sistemas de escrita, a Paleografia hoje é leitura de mundo. (SOUZA, 2018, p. 78).

Assim, para contextualização, análise e decifração da escrita dos documentos analisados neste trabalho, buscamos responder às perguntas básicas da paleografia, propostas por Petrucci (2003, p. 7-8): *Qué?, Cuándo?, Dónde?, Cómo?, Quién lo realizó?, Para qué fue escrito ese texto?*<sup>1</sup>, ao apresentar o *corpus* e os redatores e, ao propor uma investigação acerca do modelo de escrita utilizado nos manuscritos em análise, baseada na estrutura dos signos, a partir da proposta de Contreras (1994).

O objetivo deste artigo é apresentar um estudo filológico a partir da análise breve, entretanto detalhada, de aspectos codicológicos e paleográficos de um conjunto de manuscritos novecentistas, produzidos por baianos pouco escolarizados. Trata-se de quatro cartas pessoais, produzidas na década de 1930, por quatro redatores (três mulheres e um homem), nascidos entre 1890 e 1920. Tais manuscritos pertencem a um conjunto de 153 documentos intitulado *Cartas do Acervo da Família Estrela Tuy*, um dos acervos que integram o *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão* ([www.uefs.br/cedohs](http://www.uefs.br/cedohs)), da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)<sup>2</sup>.

Cabe apontar que este trabalho traz um recorte das análises codicológica e paleográfica que estão em desenvolvimento na pesquisa de doutorado em andamento<sup>3</sup>, sendo que os manuscritos, aqui apresentados, fazem parte do acervo utilizado como *corpus* inédito de pesquisa de um trabalho maior. Portanto, assumindo que a constituição de *corpora* históricos é uma tarefa desafiadora, seja na localização e seleção dos manuscritos, no processo de transcrição ou, ainda, no levantamento de informações sobre o(s) autor(es), esperamos que as análises codicológica e paleográfica possam trazer luz às condições de produção dos documentos e ao contexto histórico, social e cultural dos redatores.

O presente artigo está organizado da seguinte forma: na seção 2, apresentamos o *corpus* e os redatores; na seção 3, tratamos alguns aspectos codicológicos dos manuscritos; na seção 4, tecemos alguns comentários sobre os aspectos paleográficos; por fim, na seção 5, fazemos uma breve análise dos modelos de escrita apresentados nas missivas comparados aos trazidos no paleógrafo adotado para esta análise, seguida das considerações finais.

---

<sup>1</sup> Para responder às perguntas: *O qué?* – diz respeito à leitura crítica do texto para garantir a transcrição correta; *Quando?* – diz respeito ao problema da datação do texto a fim de determinar quando (período) foi escrito; *Onde?* – concerne ao problema da localização, ao local em que o texto foi produzido; *Como?* – diz respeito ao estudo da técnica de execução dos vários tipos de escrita para identificar o modelo utilizado; *Quem?* – concerne ao estudo do aprendizado da escrita na época para identificar o nível de habilidade do redator; *Por qué?* – diz respeito ao estudo sobre quem sabia escrever na sociedade onde o texto foi produzido, no século em que foi produzido, investigando a função da escrita na sociedade e no século analisados.

<sup>2</sup> O Projeto CE-DOHS é coordenado pela Profa. Dra. Zenaide de Oliveira Novais Carneiro e pela Profa. Dra. Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda. Atualmente o banco eletrônico dispõe de um conjunto de documentos datados entre os séculos XVI e XXI, sendo que parte dos documentos está em fase de edição. Já os documentos pertencentes aos séculos XIX e XX estão editados em linguagem XML, disponíveis para consultas e download.

<sup>3</sup> A tese de doutoramento tem sido desenvolvida sob orientação da Profa. Dra. Maria Clara Paixão de Sousa, no Programa de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo.

## 2 AS CARTAS E OS REDATORES

Os documentos selecionados para esta análise, 4 cartas pessoais, foram produzidos em 1930 por 4 remetentes pouco escolarizados, nascidos no interior da Bahia, entre 1890 e 1916. Os manuscritos estão editados em versão eletrônica<sup>4</sup> e estarão, em breve, disponíveis em diferentes versões de edição (semidiplomática<sup>5</sup>, original e modernizada), acompanhadas dos fac-símiles.

Por se tratar de pessoas não ilustres, a maioria das informações sobre os missivistas foi coletada a partir de entrevistas com familiares e contraparentes dos destinatários e/ou dos redatores, além de consultas à árvore genealógica de parte da família Estrela produzida, por Costa Pinto (2003)<sup>6</sup>. Os autores dos manuscritos são apresentados, a seguir, por ordem cronológica de produção dos documentos:

- *Elizete Campos Cerqueira* – Nasceu em 05 de novembro de 1916 na cidade de Ouriçangas-BA. Passou a maior parte da vida em Alagoinhas, cidade do interior da Bahia. Tendo cursado as Primeiras Letras, sabia ler, escrever e calcular. Casou-se com Pedro de Souza Estrela em 25 de novembro de 1936, com quem teve quatro filhos. Costumava ler revistas de moda, livros sobre saúde e jornais. Suas principais atividades eram as domésticas, além produzir doces caseiros, com frutas que colhia de seu próprio quintal, e de costurar. Redatora da *carta 37*, enviada para Maria de Souza Estrela, sua amiga e, posteriormente, cunhada.
- *Paschoal F. Vitorino* – Nasceu entre 1906 e 1909, possivelmente em Água Fria, Bahia, onde passou a maior parte vida. Não há informações precisas sobre sua escolaridade e profissão, apenas que sabia ler, escrever e calcular, além de ser funcionário público. Redator da *carta 68*, enviada para Maria de Souza Estrela, sua noiva na época da escrita.
- *Antonia de Lima Estrela* – Nasceu entre 1898 e 1904 em Ouriçangas-BA, na época subordinado ao município de Irará. Passou a maior parte da vida na Fazenda Bom Sucesso, situada na mesma cidade de seu nascimento, com os seus pais. Aprendeu a ler, escrever e calcular junto com seus irmãos através de aulas particulares ministradas na casa

<sup>4</sup> Para a edição eletrônica, utilizamos como ferramenta o programa computacional eDictor (PAIXÃO DE SOUSA; KEPLER; FARIA, 2007; 2010). Para maiores informações, acesse: [www.edictor.net](http://www.edictor.net).

<sup>5</sup> A edição semidiplomática foi realizada a partir de uma adaptação das *Normas de Transcrição de Documentos Manuscritos do Projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB)* (MATTOS E SILVA, 2001).

<sup>6</sup> O exemplar utilizado é intitulado *Memória Histórica e Genealógica dos Mendonça Bezerra Ferreira de Moura: Uma saga de religiosidade e colonização – desenvolvimento e atualização da árvore genealógica das principais famílias do Pedrão* publicado em 2003 pelo Núcleo de Estudos Genealógicos e Heráldicos da Bahia, um dos resultados da dedicação de João da Costa Pinto Victoria, Membro Fundador do Núcleo de Estudos Genealógicos e Heráldicos da Bahia, Titular da Cadeira 18 do Instituto Genealógico da Bahia e Sócio Efetivo Remido do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Dr. João, como era conhecido, trouxe outras contribuições para a pesquisa científica, entre elas, a doação de cartas particulares de membros de sua família ao Projeto Documentos Históricos do Sertão (DOHS), que compõem o acervo Cartas Baianas (1911-1958).

de um professor. Suas principais atividades eram as domésticas. Redatora da *carta 81*, escreve para sua irmã, Leonídia de Lima Estrela<sup>7</sup>.

- *Arlinda Gomes Estrela* – Nasceu em 1909 em Ouriçangas-BA, na época subordinado ao município de Irará, onde passou a vida. Tendo cursado as Primeira Letras, sabia ler, escrever e calcular. Suas principais ocupações eram as atividades domésticas. Redatora da *carta 58*, enviada para sua prima Maria de Souza Estrela.

Os autores dos documentos foram classificados como *pouco hábeis*, que apresentam um nível intermediário entre a *habilidade* e a *inabilidade* para escrita, a partir da proposta de Barbosa (1999)<sup>8</sup>, conforme Tuy Batista (em andamento)<sup>9</sup>.

### 3 ASPECTOS CODICOLÓGICOS

Os documentos foram analisados individualmente. Para tanto, adaptamos o guia básico de descrição codicológica proposto por Cambraia (2005, p. 28) e apresentamos as informações levantadas no *Quadro 1*, em fichas. Tais fichas, preenchidas a partir de consultas aos manuscritos originais, tratam de informações sobre o suporte material, a composição do documento, a organização da página e as particularidades (inserção feita por terceiros, ornamentos etc). A apresentação da análise dos manuscritos também seguiu a ordem crescente de data:

Quadro 1 – Descrição codicológica dos manuscritos

Tipo de documento e número	Descrição dos aspectos codicológicos
Carta pessoal, n° 37	<p><b>Cota:</b> CAFET - Cartas do Acervo da Família Estrela Tuy – Carta 37  <b>Datação:</b> 04/07/1934  <b>Lugar de origem:</b> Fazenda Pau-ferro (Biritinga-BA)  <b>Autor:</b> Elizete Campos Cerqueira  <b>Composição:</b> Documento contendo um fôlio, medindo 272mm x 203mm<sup>10</sup>.  <b>Dimensão da mancha:</b> f. 1r – 225mm x 174mm; 24 linhas; f. 1v – 90mm x 192mm; 8 linhas.  <b>Características materiais:</b> Escrito com tinta azul, provavelmente com pena metálica, em papel de carta pautado.            O documento está em um bom estado de conservação apesar de apresentar marcas de dobras devido às condições de armazenamento. Apresenta pequenas manchas de cor marrom, além da cor amarelada devido à ação do tempo.</p>

<sup>7</sup> Quando seus irmãos atingiram a idade escolar, foram enviados para a casa do professor. Contra a vontade do pai, Antonia acompanhou seus irmãos, enquanto suas irmãs permaneceram em casa. As cartas que ela enviava para a irmã Leonídia eram lidas por seu cunhado, uma vez que a destinatária não foi alfabetizada.

<sup>8</sup> Denominação apresentada por Barbosa (1999) para classificar os redatores que estavam entre o nível de habilidade e o nível de inabilidade.

<sup>9</sup> Na tese de doutorado em desenvolvimento, haverá uma seção dedicada à investigação do nível de habilidade de escrita dos redatores do *corpus*, inclusive os aqui apresentados.

<sup>10</sup> As dimensões do suporte são apresentadas altura x largura.

	<p>A mancha escrita do verso é visível no recto e vice-versa.</p> <p><b>Conteúdo:</b> Carta expressando satisfação em receber correspondência e pedindo notícias sobre familiares. Comentários sobre o fim de relacionamento e repercussão entre os familiares. Envio de lembranças aos demais.</p>
Carta pessoal, nº 68	<p><b>Cota:</b> CAFET - Cartas do Acervo da Família Estrela Tuy – Carta 68  <b>Datação:</b> 20/10/1934  <b>Lugar de origem:</b> Água Fria-BA  <b>Autor:</b> Paschoal F. Vitorino  <b>Composição:</b> Documento contendo um fôlio, medindo 264mm x 195mm.  <b>Dimensão da mancha:</b> f. 1r – 195mm x 163mm; 21 linhas.  <b>Características materiais:</b> Escrito com tinta preta, provavelmente com pena metálica, em papel almaço com pautas.  Apresenta rasgos devido às dobras, manchas de tintas, além de desgaste e escurecimento do suporte devido à ação do tempo.  Há uma inserção tardia em tinta preta, feita por terceiros, da palavra “Maurílio” na margem esquerda.  <b>Conteúdo:</b> Carta com notícias sobre o remetente e pedido de notícias sobre a destinatária e familiares. Informações sobre chagada de viagem. Expressão de saudade.</p>
Carta pessoal, nº 81	<p><b>Cota:</b> CAFET - Cartas do Acervo da Família Estrela Tuy – Carta 81  <b>Datação:</b> 22/11/1936  <b>Lugar de origem:</b> Fazenda Bom Sucesso (Ouriçangas-BA)  <b>Autor:</b> Antonia de Lima Estrela  <b>Composição:</b> Documento contendo um fôlio, medindo 229mm x 178mm.  <b>Dimensão da mancha:</b> f. 1r – 200mm x 145mm; 17 linhas.  <b>Características materiais:</b> Escrito com tinta azul, provavelmente com pena metálica, em papel de carta pautado.  Apresenta marcas de dobras, rasgos na margem esquerda devido à ação de insetos e manchas de tinta no recto.  <b>Conteúdo:</b> Notícias sobre recebimento de correspondência e de encomenda. Comentário sobre o envio de notícias quando a data de casamento for marcada.</p>
Carta pessoal, nº 58	<p><b>Cota:</b> CAFET - Cartas do Acervo da Família Estrela Tuy – Carta 58  <b>Datação:</b> 02/04/1939  <b>Lugar de origem:</b> Ouriçangas-BA  <b>Autor:</b> Lelinha [Arlinda Gomes Estrela]  <b>Composição:</b> Documento contendo um fôlio, medindo 270mm x 150mm.  <b>Dimensão da mancha:</b> f. 1r – 250mm x 150mm; 22 linhas; f. 1v – 260mm x 150mm; 28 linhas.  <b>Características materiais:</b> Escrito com tinta azul, com pena metálica, em papel de carta com pautas.  Há marcas de dobras e rasgos, nas margens superior e inferior, devido à ação do tempo e de insetos. No verso, há o rascunho do que, possivelmente, é a resposta enviada por Maria de Souza Estrela, a destinatária, catalogada no acervo como</p>

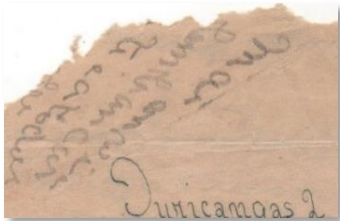
	<p>transcrição da Carta 105 e com as devidas considerações<sup>11</sup>. Há, também, uma inserção feita à lápis por Maria, na margem superior esquerda. <b>Conteúdo:</b> Comentários sobre festejos na cidade e convite para visita durante a quaresma. Notícias sobre encomenda.</p>
--	---

Quanto às modificações *exógenas*, que “derivam fundamentalmente da corrupção do material utilizado para registrar um texto: tanto da matéria subjetiva (papiro, pergaminho, papel etc) quanto da matéria aparente (grafite, tinta etc)” (CAMBRAIA, 2005, p. 2), identificamos na *carta 68* e na *carta 58* o punho de terceiros. A inserção feita na *carta 68* continua sem identificação do autor, diferente da inserção feita na *carta 58*, que a autora foi a destinatária, que usou o verso da carta para redigir a resposta e por falta de espaço, concluiu o texto no canto superior esquerdo do recto:

Figura 1 – Inserção de *Maurilio* na Carta 68



Figura 2 – Inserção de *Mae envia lembranças [...] ti e a todos [a]bi* na Carta 68



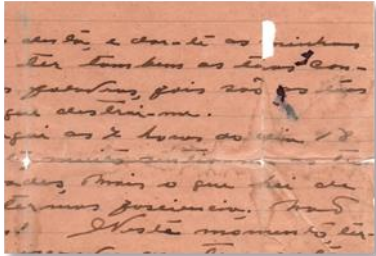
Fonte: Extraído da edição semidiplomática fac-similada de Tuy Batista (a sair).

Danos ao suporte, causados pelo ataque de insetos, marcas de dobras e manchas derivadas do contato com líquido ou provocadas por humidade, também podem ser observados nos manuscritos:

Figura 3 – Marcas de dobras na Carta 37



Figura 4 – Marcas de dobras, rasgos e humidade na Carta 68

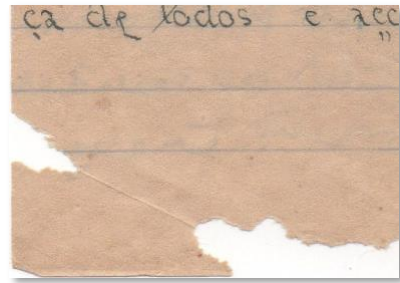


<sup>11</sup> Optamos por transcrever o texto do verso da Carta 58 como a Carta 102, visto que são textos produzidos por diferentes redatoras, sendo que autora desse rascunho, o texto do verso, possui outros documentos nesse acervo, optamos por agrupá-los.

Figura 5 – Dano ao suporte causado pelo ataque de insetos e marcas de dobras na Carta 81



Figura 6 – Dano ao suporte causado pelo ataque



de insetos e marca de dobra na Carta 58

Fonte: Extraído da edição semidiplomática fac-similada de Tuy Batista (a sair).

Em síntese, todos os documentos apresentaram como suporte, o papel de carta pautado, com variações quanto à coloração (variação dos tons de bege e um dos suportes com a coloração terrosa). O objeto de escrita utilizado também parece coincidir, sendo a pena metálica, com variação na cor da tinta, as *cartas 37, 81 e 58* redigidas com tinta azul, e a *carta 68* com tinta preta.

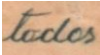
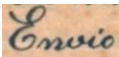
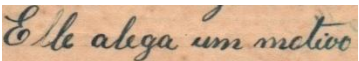


#### 4 ASPECTOS PALEOGRÁFICOS

A descrição dos aspectos paleográficos foi baseada na escrita e nas abreviaturas encontradas. Para isso, adotamos a metodologia da *Paleografia de análise*, proposta por Contreras (1994) para a apresentação de uma análise baseada na estrutura dos signos, levando em consideração: *forma, módulo, ductos, ângulo da escrita, peso, ligaduras e nexos*; identificamos os tipos de abreviaturas levantadas nos documentos a partir da proposta de classificação de Spina (1977); e levantamos os vocábulos etimologizados ou pseudoetimologizados.

##### 4.1 A ESCRITA

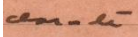

A redatora da *carta 37* apresenta escrita cursiva, traçado pesado, com o uso de módulo pequeno para letras minúsculas e médio para maiúsculas, homogeneidade do módulo, regularidade quanto à inclinação da escrita, levemente à direita, e traçado seguro. Há poucos borrões e rasuras, ausência do regramento ideal e irregularidade quanto à empaginação. A escrita utilizada foi a humanística italiana, letras corridas, traçadas, grande parte das vezes, sem descanso da mão, apresentando ligaduras entre as letras, mas não entre as palavras, não havendo dificuldade de leitura. Há a ocorrência de um nexos, após o fechamento da carta, correspondente à abreviatura *Note Bem*.

Quadro 2 – Análise paleográfica baseada na estrutura dos signos (Carta 37)


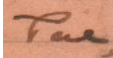
Análise paleográfica baseada na estrutura dos signos		
Elementos		Exemplos
Forma	Humanística (cursiva italiana)	-
Módulo <sup>12</sup>	Minúsculas: módulo pequeno, com o corpo entre as linhas médias, as hastes e caudas alçam regularmente as linhas superiores e inferiores	 Módulo pequeno (l. 7 – todos)
	Maiúsculas: módulo médio; alçam a parte superior do regramento	 Módulo médio (l. 8 – Envio)
Ductos	Cursivo: escrita rica em ligaduras entre as letras, não havendo ligaduras entre as palavras	 (l. 14 – Elle alega um motivo)
Ângulo da escrita	Levemente inclinada à direita	
Peso	Traçado pesado: há forte contraste entre traços grossos e sutis	 (l. 15 – como ele diz)
Ligaduras	A ocorrência de ligaduras é entre letras, não havendo ligaduras entre palavras	
Nexos	Há um nexa indicando a abreviatura de “Note Bem”	 (l. 30 – Note Bem)

O redator da *carta 68* apresenta uma escrita cursiva, traçado pesado e rápido com o uso de módulo pequeno para letras minúsculas e grande para letras maiúsculas, apresenta, ainda, regularidade na forma das letras, entretanto, a grande semelhança entre as letras <a> e <o> pode dificultar a leitura. Há regularidade quanto à inclinação da escrita levemente à direita, poucos borrões e ausência de rasuras. O regramento é ideal e há regularidade, também, quanto à empaginação. A escrita utilizada foi a humanística italiana, traçada em grande parte das vezes sem descanso da mão, apresentando ligaduras entre as letras, havendo apenas ocorrências de ligaduras entre palavras nas iniciais da assinatura da carta.

Quadro 3 – Análise paleográfica baseada na estrutura dos signos (Carta 68)

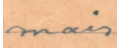



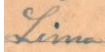
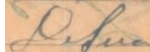
Análise paleográfica baseada na estrutura dos signos		
Elementos		Exemplos
Forma	Humanística (cursiva italiana)	-
Módulo	Minúsculas: módulo pequeno (têm o corpo entre as linhas médias, as hastes e caudas alçam regularmente as linhas superiores e inferiores)	 Módulo pequeno (l. 3 – dar-te)
	Maiúsculas: módulo grande (alçam a parte superior do regramento)	 Módulo grande (l. 2 – Muitas)

<sup>12</sup> Para estabelecer a dimensão do módulo, levamos em consideração as amostras de escrita do acervo, sendo estabelecido para as letras maiúsculas: módulo pequeno (até 5mm); médio (até 10mm); e grande (a partir de 11mm). Para as minúsculas: módulo pequeno (até 3mm); médio (até 5mm); e grande (a partir de 5mm).

Ductos	Cursivo: escrita rica em ligaduras entre as letras, não havendo ligaduras entre as palavras	
Ângulo da escrita	Levemente inclinada à direita	(l. 5 – <i>palavras</i> )
Peso	Traçado pesado: há forte contraste entre traços grossos e sutis	
Ligaduras	A ocorrência de ligaduras é entre letras, não havendo ligaduras entre palavras	(l. 13 – <i>Pae</i> )
Nexos	Não há nexos	-

A redatora da *carta 81* produziu uma escrita cursiva inglesa (a maioria das letras), com o traçado pesado. Apesar de as letras minúsculas apresentarem módulo pequeno e as maiúsculas, módulo médio, não há homogeneidade do módulo. Há regularidade quanto à inclinação da escrita levemente à direita e traçado inseguro, aparência desenquadrada e falta de leveza do conjunto. Não apresenta borrões, há apenas uma rasura e um excesso desigual de tinta nas hastes das letras. Ausência do regramento ideal e irregularidade quanto à empaginação. A escrita utilizada foi a humanística, letras corridas, traçadas em grande parte das vezes sem descanso da mão, apresentando, na maioria das palavras, ligaduras entre as letras e apenas uma ocorrência de ligadura entre vocábulos, não havendo dificuldade de leitura.

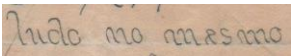
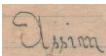
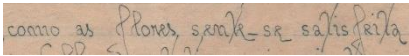
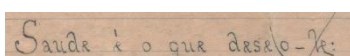
Quadro 4 – Análise paleográfica baseada na estrutura dos signos (Carta 81)

Análise paleográfica baseada na estrutura dos signos		
Elementos		Exemplos
Forma	Humanística (cursiva inglesa)	-
Módulo	Minúsculas: módulo pequeno	 Módulo pequeno (l.11 – <i>mais</i> )
	Maiúsculas: módulo médio variando com módulo pequeno	 Módulo médio (l. 2 – <i>Bom</i> )
Ductos	Cursivo: escrita rica em ligaduras entre as letras	
Ângulo da escrita	Levemente inclinada à direita	 (l. 2 – <i>Minha Querida Irma</i> )
Peso	Traçado pesado: há forte contraste entre traços grossos e sutis.	 (l. 4 – <i>Deus</i> )
Ligaduras	A maioria das ocorrências de ligaduras é entre letras, havendo, também, uma ocorrência de ligaduras entre palavras	 (l. 17 – <i>Lima</i> )  (l. 16 – <i>DeSua</i> )
Nexos	Não há nexos	-

A redatora da *carta 58* apresenta escrita pausada, traçado leve, com o uso de módulo pequeno para letras minúsculas e médio para maiúsculas, apresentando homogeneidade do módulo, sem inclinação da escrita (escrita vertical) e traçado inseguro. Não apresentou

borrões e há poucas rasuras, uso do regramento ideal e irregularidade quanto à empaginação, não respeitando o limite das margens. A escrita utilizada foi a humanística, traçada em grande parte das vezes com descanso da mão, não apresentando ligaduras entre a maioria das letras.

Quadro 5 – Análise paleográfica baseada na estrutura dos signos (Carta 58)


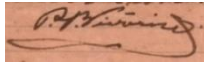
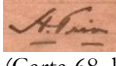



Análise paleográfica baseada na estrutura dos signos		
Elementos		Exemplos
Forma	Humanística (cursiva inglesa)	-
Módulo	Minúsculas: módulo pequeno (entre 3mm e 4mm) Têm o corpo entre as linhas médias, as hastes e caudas alçam regularmente as linhas superiores e inferiores	 Módulo pequeno (l. 8 – tudo no mesmo)
	Maiúsculas: módulo grande (10mm) Alçam a parte superior do regramento	 Módulo grande (10mm) (l. 2 – Assim)
Ductos	Escrita pausada: escrita com poucas ligaduras entre as letras, não havendo ligaduras entre as palavras	 (l. 4 – como as flores sente-se satisfeita)
Ângulo da escrita	Levemente inclinada à direita	
Peso	Traçado leve: não há contraste entre traços grossos e sutis	 (l. 3 – Saude é o que desejo-te)
Ligaduras	A ocorrência de ligaduras é entre letras, não havendo ligaduras entre palavras	
Nexos	Não há nexos	-

No geral, no que diz respeito à *forma*, todas são humanísticas, sendo que, dos quatro manuscritos, três apresentam a escrita cursiva e um, a escrita pausada. Quanto ao *módulo*, as letras minúsculas possuem o módulo pequeno e as maiúsculas, módulo médio, sendo o *ângulo da escrita* levemente inclinado à direita, com exceção da *carta 58* com a escrita vertical. O *traçado* é pesado e há *ligaduras* entre as letras em três das quatro cartas. Já a presença de *nexo* foi notada em apenas na *carta 37*.

## 4.2 AS ABREVIATURAS

Como sabemos, a investigação das abreviaturas é importante para o estudo da história da língua portuguesa, sendo aquelas dos períodos mais recentes com muito ainda a ser estudado. Portanto, apesar de não haver uma quantidade significativa de abreviaturas nos documentos em análise, levantamos e identificamos seus tipos. Para tal classificação, adotamos a proposta de Spina (1977, p. 45), que identifica seis tipos: *a) abreviatura por sigla; b) abreviatura por apócope; c) abreviatura por síncope; d) por letras sobrepostas; e) por signos especiais de abreviação; e f) letras numerais.*

Quadro 6 – Abreviaturas encontradas nos manuscritos

Tipo de abreviatura	Abreviaturas encontradas nos manuscritos	
Abreviatura por sigla	 (Carta 58, l. 15 – Dona)	 (Carta 68, l. 20 – Paschoal F. Vitorino)
	 (Carta 68, l. 20 – Agua Fria)	 (Carta 37, l. 30 – Note Bem)
Abreviatura por letra sobreposta	 (Carta 37, l. 29 – amiga)	 (Carta 81, l. 4 – voce)

Como é possível notar, as abreviaturas encontradas são apenas de dois tipos: (i) *abreviatura por sigla* – representação da palavra a partir de sua letra inicial, como em: D. (Dona), A. Fria (Água Fria) e NB (Note Bem); e (ii) *abreviatura por letra sobreposta* – sobreposição da(s) última(s) letra(s), como em: am<sup>a</sup> (amiga) e v<sup>ce</sup> (voce).

Levando em consideração o gênero dos documentos, carta pessoal, e a quantidade exígua de ocorrências, acreditamos que o uso dessas abreviaturas tenha se dado por convenção da escrita, descartando a possibilidade de uso por economia de papel ou tinta.

#### 4.2 OS VOCÁBULOS ETIMOLOGIZADOS

Barbosa (2006, p. 767) aponta que “Até as bases da ortografia de 1885, de Gonçalves Viana e Vasconcellos Abreu, e a efetiva comissão de 1911, as grafias etimológicas, ou pseudo-etimológicas, imperaram na língua portuguesa”<sup>13</sup>. Se a etimologização se fez presente em textos modeladores de 1911, é de se esperar, como alegam Souza e Lopes (2012), que a etimologização não fique restrita a esse ano, havendo a possibilidade de encontrarmos vocábulos etimologizados nas décadas seguintes.

Trabalhos como os das pesquisadoras Santiago (2019) e Silva e Lopes (2012) apontam a utilização de uma grafia etimológica ou pseudoetimológica em cartas pessoais datadas do início do século XX. Santiago (2019) atesta a ocorrência de vocábulos como *ella* por *ela*, *huma* por *uma*, *hia* por *ia*, *occazião* por *ocasião* e *suffrido* por *sofrido*, em oito manuscritos produzidos por sertanejos baianos, datados entre 1906 e 1910<sup>14</sup>. E Silva e Lopes (2012) identificaram a etimologização como em *elle* por *ele* (e variações, como *ella*, *pellos*), *cosa* por *coisa*, *ahi* por *aí*, *assumpto* por *assunto*, *contacto* por *contato*, *ceo* por *céu*, *logar* por


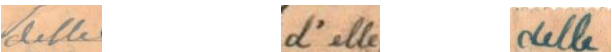

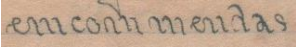

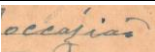
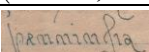
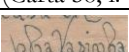

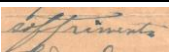
<sup>13</sup> A etimologização da escrita é caracterizada pelo uso do vocábulo em sua forma originária, latina ou grega. Já a pseudoetimologização configura-se como uma “falsa etimologização” (BARBOSA, 2006, p. 773), a grafia incorreta do vocábulo.

<sup>14</sup> Em sua tese de doutoramento, ao propor uma metodologia para mensurar o grau de inabilidade dos redatores de seu *corpus* de pesquisa, composto por 131 cartas pessoais produzidas entre 1900 e 2000, Santiago (2019) observa a utilização de vocábulos etimologizados, mesmo não sendo o foco do trabalho, apenas nos manuscritos das primeiras décadas do século XX.

*lugar, comprehendes por comprehendes, igreja por igreja*, entre outros, na escrita epistolar de um casal não ilustre, produzida no Rio de Janeiro entre 1936 e 1937<sup>15</sup>.

Não diferente das autoras, encontramos alguns registros de uma ortografia etimológica ou pseudoetimológica, em três das quatro missivas analisadas<sup>16</sup>:

Quadro 7 – As formas levantadas nas cartas

Etimologização/ pseudoetimologização	Ocorrências
Acceite	 (Carta 81, l. 13 – <i>accite</i> por <i>acceite</i> ) (Carta 58, l. 25 - <i>acceite</i> )
Delle/ D'elle	 (Carta 81, l. 11 – <i>delle</i> ) (Carta 38, l. - <i>d'elle</i> ) (Carta 38, l. - <i>della</i> )
Ella/Elle	 (Carta 58, l. 22 – <i>ella</i> ) (Carta 38, l. 15 - <i>elle</i> )
Emcommendas	 (Carta 58, l. 22 – <i>emcommendas</i> )
Luctar	 (Carta 37, l. 20 – <i>luctar</i> )
Occazião	 (Carta 81, l. 15 – <i>occazião</i> )
Penninha	 (Carta 58, l. 10 – <i>penninha</i> )
Phantasia	 (Carta 58, l.19 – <i>phatasinha</i> por <i>phantasia</i> )
Sahir	 (Carta 58, l. 20 – <i>sahir</i> )
Soffrimento	 (Carta 81, l. 10 – <i>soffrimento</i> )

Barbosa e Lima (2019) afirmam que o hábito da leitura, ou a falta dele, influencia o padrão de escrita utilizado pelo redator. Se um leitor não costuma ler, a sua escrita tenderá

<sup>15</sup> A proposta das autoras é traçar o perfil sociolinguístico de um casal de noivos não ilustre, que que residia no Rio de Janeiro em 1930, a partir da utilização de uma nova metodologia que utiliza o *software* eDictor para apontar os aspectos referentes à grafia dos missivistas. O *corpus* utilizado é composto por 96 cartas, sendo 68 escritas pelo noivo e 29 pela noiva. Silva e Lopes (2012) apontam haver uma maior variedade de vocábulos etimologizados nas cartas produzidas pelo remetente masculino, além de um maior índice de acerto no emprego das formas, em oposição às ocorrências levantadas na escrita da noiva, que apresentou pouca variedade no emprego da etimologização e pseudoetimologização.

<sup>16</sup> A investigação acerca da etimologização apresentada aqui é um recorte da análise paleográfica desenvolvida na tese em andamento.

a ser fonética, independentemente de sua época. Já o leitor, que habitualmente faz a leitura de textos modelares, como jornais, apresenta uma tendência de reprodução do padrão da escrita desses textos, mesmo que sem o estudo sistemático de ortografia na escola. Ainda de acordo com os autores, ortografia é uma questão de memória visual inconsciente, assim, se uma pessoa, alfabetizada no século XIX, lê apenas cartas enviadas por familiares, a grafia latinizada não será refletida em sua grafiação, diferente dos leitores assíduos dos jornais.

A presença de vocábulos etimologizados e pseudoetimologizados, nos documentos aqui analisados, evidencia que os redatores tiveram contato com textos escritos que traziam palavras etimologizadas. A partir do levantamento de informações em entrevistas com familiares dos missivistas, é sabido que todos os redatores utilizaram compêndios de textos com escrita modelar, apresentados com diferentes caligrafias, do nível fácil ao difícil de leitura, diante da variação das formas empregadas, que muito possivelmente, apresentavam as formas etimologizadas. Além disso, dos quatro redatores, duas missivistas, Elizete Campos Cerqueira e Arlinda Gomes Estrela, *cartas 37 e 58*, respectivamente, tinham o hábito de ler revistas de moda e sobre as pessoas ilustres da época, textos que, a jogar pelo uso da etimologização, possivelmente, apresentavam tais formas.

## 5 COMPARAÇÃO ENTRE OS MODELOS DE ESCRITA: AS CARTAS E O PALEÓGRAFO

Ao iniciar a leitura e a edição dos manuscritos, chamou a nossa atenção o fato de alguns dos redatores, mesmo tendo frequentado não mais que escolas rurais de Primeiras Letras ou tendo aulas particulares, possuírem uma certa habilidade e uma constância dos modelos de escrita<sup>17</sup>. Em entrevistas realizadas com familiares e contraparentes dos remetentes e/ou destinatários das *cartas 38, 60 e 84*, foram levantadas informações de que o tempo médio de permanência na escola ou de aulas particulares variava entre 2 e 4 anos<sup>18</sup> e que tais indivíduos utilizaram livros para o treinamento da leitura de letras manuscritas, popularmente conhecidos como *Paleógrafo*<sup>19</sup>, o qual, de acordo com Houaiss

---

<sup>17</sup> A chamada elite rural enviava seus filhos para os internatos, que aconteciam na casa do professor. Os pais visitavam os filhos mensalmente e na oportunidade, pagavam a mensalidade e levavam mantimentos. Quando as crianças aprendiam a ler, escrever e calcular eram enviadas para casa. Ou então, frequentavam escolas na zona rural, sediadas na casa do próprio professor. Por vezes, a sala de estar era adaptada como uma sala de aula.

<sup>18</sup> Tais informações foram coletadas a partir de entrevistas realizadas com as doadoras das cartas que compõem o acervo *Cartas da Família Estrela Tui*, familiares de alguns dos missivistas. Durante as entrevistas, ambas relataram sobre recordações de os familiares narrarem histórias sobre o uso do livro popularmente conhecido como *Paleógrafo*.

<sup>19</sup> Nesta análise, utilizamos os termos compêndio, manual são utilizados como sinônimos para fazer referência ao livro aqui utilizado para comparação, *O paleographo em escala calligraphica para aprender a leitura manuscrita, aprovado pelo Conselho Superior d'Instrução Publica para uso dos Collegios* (SILVA, 1900) e aos livros destinados ao aprendizado de leitura manuscrita.

(2001 *apud* CARNEIRO, 2016), é um livro destinado ao aprendizado de caracteres manuscritos.

Batista (2002), em seu trabalho intitulado *Paleógrafos ou livros de leitura manuscrita: Elementos para o estudo do gênero*, faz um levantamento dos livros que mais teriam circulado no Brasil e traz considerações sobre o uso desses compêndios:

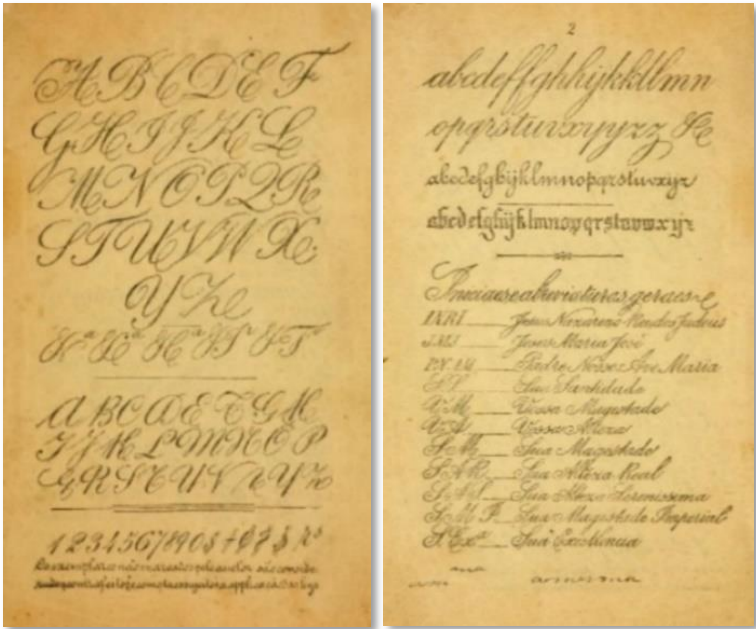
Paleógrafos ou livros de leitura manuscrita foram [...] ao longo do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, um tipo de livro bastante difundido na instrução elementar, no Brasil e em Portugal, assim como em outros países. [...] No Brasil, são frequentes as referências, também nos momentos finais da alfabetização e do aprendizado da leitura "corrente", ao uso de manuscritos, sejam eles contratos, certidões ou "cartas de fora". Ao longo do século XIX e também na organização do sistema escolar republicano, é um dos livros de cuja falta lamentam, em seus relatórios, inspetores e encarregados pelo Império ou pela República de memórias sobre o estado da instrução; é também um dos livros cuja utilização é recomendada, ao lado de livros de leitura impressos, às escolas, em geral para os terceira ou quarta classe da instrução elementar; é, por fim, um dos livros cujo envio as diretorias de instrução fazem "às crianças pobres" das escolas em que querem implantar o ensino simultâneo. (BATISTA, 2002, p. x).

Diante disso, iniciamos uma investigação para levantar quais manuais, entre os apresentados por Batista (2002), poderiam ter sido utilizados por esses redatores, a fim de verificar a possível influência dos compêndios na escrita desses indivíduos. Até a feitura deste trabalho, reunimos quatro livros: (i) *Curso graduado de letra manuscrita em 21 lições composto para o uso da mocidade brasileira* (GARNIER, 189?); (ii) *Leitura manuscrita; lições coligidas* (BPR, 1911); (iii) *Exercício de leitura manuscrita* (GOMES, 1955); e (iv) *O paleographo em escala calligraphica para apprender a leitura manuscrita, approved pelo Conselho Superior d'Instrução Publica para uso dos Collegios* (SILVA, 1900), esse último escolhido para a investigação aqui apresentada. Batista (2002) localizou edições distintas desse exemplar referentes aos anos de 1864, 1870, 1877, 1884, 1897 e 1912<sup>20</sup>, e nós, em uma pesquisa pessoal, localizamos edições referentes aos anos de 1909, 1921, 1925, 1930, 1941, disponíveis para venda em sites de sebos e antiguidades.

Entretanto, o exemplar que utilizamos aqui é datado de 1900. A escolha por esse manual, mesmo não sendo uma das edições mais recentes, foi motivada por haver publicação de edições revisadas a década de 1940, nas quais não notamos grandes diferenças no que diz respeito aos modelos de escrita apresentados ao compararmos com as poucas páginas de amostras disponíveis nos sites de venda<sup>21</sup>:

<sup>20</sup> Batista (2002) aponta que localizou sete manuais distintos nas coleções: da Biblioteca Nacional da França (BNF); da Biblioteca Nacional do Brasil (BNB); da Biblioteca Nacional de Lisboa (BNL); do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale) (Universidade Federal de Minas Gerais); do catálogo da Biblioteca Nacional da Espanha (BNE); e dos catálogos e acervos do Centro de Referência do Professor e da Biblioteca Pública de Minas Gerais.

<sup>21</sup> Não podemos assumir que não houve atualização da grafia etimologizada, por exemplo, tendo em vista não podermos acessar o conteúdo das amostras para realizar a comparação. Consultamos duas páginas



Figuras 7 e 8 – Amostra do manual utilizado para a comparação da escrita  
 Fonte: Extraído de Silva (1900, págs. 1-2).

5.1 DOS ALFABETOS

O *Paleógrafo* oferece textos com diferentes modelos de escrita, inclusive com níveis de dificuldade de leitura, no que concerne à decifração das caligrafias. Por conta disso, conseguimos coletar grafemas maiúsculos e minúsculos com diferentes formas, utilizados nesta análise comparativa. Assim, montamos o abecedário com os grafemas coletados nas cartas ao lado daqueles levantados no manual, que apresentaram maior semelhança, a título de amostragem, sem levar em consideração a posição, se inicial, medial ou final. Cabe apontar, ainda, que os espaços preenchidos com hífen (-) indicam que não encontramos ocorrências correspondentes aquelas formas.

Iniciando a comparação dos alfabetos pela *carta 37*, constatamos que é evidente a aproximação entre os dois modelos de escrita. Ainda que as letras não apresentem o mesmo ângulo de inclinação, é incontestável a semelhança entre as formas. No documento não há ocorrências das letras *k*, *w*, *x* e *y*:

---

disponíveis em um dos sites e nelas não notamos distinção. Apesar disso, acreditamos que, provavelmente, as edições mais recentes tenham sido atualizadas e revisadas. Entretanto, considerando o período de nascimentos dos redatores, entre 1898 e 1916, acreditamos que uma edição de 1900 esteja no limite do período aceitável para esta análise, tendo em vista a possibilidade de uso de uma edição entre 1900 e 1909 na alfabetização dos redatores.









































Quadro 8 – Análise comparativa: Manual *versus* Carta 37

Comparação entre os alfabetos				
Letra	Maiúsculas		Minúsculas	
	Modelo do manual (posição inicial)	Carta pessoal (posição inicial)	Modelo do manual (posição inicial, medial e/ou final)	Carta pessoal (posição inicial, medial e/ou final)
A - a				
B - b	-	-		
C - c				
D - d				
E - e				
F - f	-	-		
G - g	-	-		
H - h	-	-		
I - i	-	-		
J - j	-	-		
L - l	-	-		
M - m				
O - o				
P - p				
Q - q	-	-		
R - r				
S - s				
T - t	-	-		
U - u	-	-		

V - v	-	-		
Z - z	-	-	-	 

Quanto à comparação com o alfabeto correspondente à *carta 71*, leva-nos a concluir que, apesar de não apresentar grande semelhança, os modelos de escrita são previstos no compêndio analisado. Além disso, evidencia que o redator apresenta particularidades sobre o seu estilo de escrita (formas das letras e caldas). No documento não há ocorrências das letras *j*, *k*, *m*, *x* e *y*:

Quadro 9 – Análise comparativa: Manual *versus* Carta 71

Comparação entre os alfabetos				
Letra	Maiúsculas		Minúsculas	
	Modelo do manual (posição inicial)	Carta pessoal (posição inicial)	Modelo do manual (posição inicial, medial e/ou final)	Carta pessoal (posição inicial, medial e/ou final)
A - a				 
B - b	-	-	-	
C - c	-	-		 
D - d				 
E - e	-	-		
F - f	-			
G - g	-	-	-	
H - h	-	-		
I - i	-	-		
L - l	-	-		
M - m				
N - n				 
O - o				 

P - p				
Q - q	-	-	-	
R - r	-			
S - s	-			
T - t	-	-		
U - u	-	-		
V - v	-		-	
Z - z	-	-	-	

Já o alfabeto correspondente à *carta 84* e os modelos apresentados no compêndio, disponíveis no *Quadro 10*, são bastante semelhantes na forma. Foi possível observar, também, que há alógrafos para as letras maiúsculas <P> e <D>, e para as minúsculas <m>, <d>, <n> e <a>. No documento não há ocorrências das letras *k*, *n*, *x* e *y*:

Quadro 10 – Análise comparativa: Manual *versus* Carta 84

Comparação entre os alfabetos				
Letra	Maiúsculas		Minúsculas	
	Modelo do manual (posição inicial)	Carta pessoal (posição inicial)	Modelo do manual (posição inicial, medial e/ou final)	Carta pessoal (posição inicial, medial e/ou final)
A - a				
B - b				
C - c				
D - d				
E - e				
F - f	-	-		
G - g	-	-		
H - h	-	-		

I - i				
J - j	-	-		
L - l				
M - m				
N - n				
O - o	-	-		
P - p				
Q - q				
R - r				
S - s				
T - t	-	-		
U - u	-	-		
V - v	-	-		
Z - z	-	-	-	

Ainda, a redatora, nos grafemas -ss-, utiliza o <J> (s longo), como pode ser observado nos vocábulos *cucesso* e *Nossa*. Devemos notar que o emprego desse grafema também no compêndio utilizado nesta análise. Entretanto, a redatora faz o uso equivocado, se considerarmos a posição do <J> (s longo) precedido pelo <s> (s pequeno), e a posição aplicada no manual, o <J> (s longo) sucedido pelo <s> (s pequeno), como nos exemplos *passa* e *viesse*:

Ocorrências de <J> (s longo):

(i) Carta 81

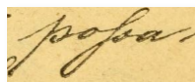


(Carta 81, l. 2 – *cucesso*)

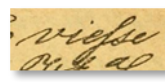


(Carta 81, l. 4 – *Nossa*)

(ii) Paleógrafo



(Paleógrafo, p. 16 – *possa*)



(Paleógrafo, p. 16 – *viessa*)

Por fim, o alfabeto correspondente à *carta 58* comparado ao do *Paleógrafo* permitiu-nos concluir que o modelo de escrita utilizado pela redatora não foi apresentado nesse livro, evidenciado pela falta de semelhança entre as letras apresentadas. No documento não há ocorrências das letras *k*, *w*, *x* e *y*:

Quadro 11 – Análise comparativa: Manual *versus* Carta 58

Comparação entre os alfabetos				
Letra	Maiúsculas		Minúsculas	
	Modelo do manual (posição inicial)	Carta pessoal (posição inicial)	Modelo do manual (posição inicial, medial e/ou final)	Carta pessoal (posição inicial, medial e/ou final)
A - a			-	
B - b			-	
C - c	-	-	-	
D - d	-		-	
E - e	-	-	-	
F - f	-	-	-	
H - h	-	-	-	
I - i	-	-	-	
J - j	-	-	-	
L - l			-	
M - m	-	-	-	
N - n			-	
O - o	-		-	
P - p			-	

Q - q	-	-	-	
R - r	-	-		
S - s	-		-	
T - t	-	-	-	
U - u	-	-	-	
V - v	-	-	-	
Z - z	-	-	-	

A comparação dos alfabetos permite-nos constatar que há semelhança de alguns dos grafemas dos modelos de escritas apresentados por Silva (1900) e as cartas analisadas. Cabe considerar que a execução do modelo de escrita apresentado por esse tipo de compêndio depende do nível de habilidade do redator, assim, quanto menor o nível de habilidade, mais distante da forma proposta.

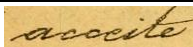
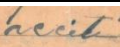






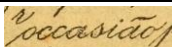
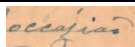
## 5.2 DAS ABREVIATURAS E DOS VOCÁBULOS ETIMOLOGIZADOS

Foi possível observar, também, ocorrências de abreviaturas e vocábulos etimologizados nas cartas que coincidem com aquelas dispostas no manual:

Quadro 12 – Comparação entre as ocorrências de nexos e abreviatura sobreposta

Ocorrências	Exemplos extraídos do paleógrafo (SILVA, 1900)	Exemplos extraídos das cartas
Abreviatura por sigla	(Paleógrafo - p. 3 - Note Bem)	(l. 30 - Note Bem)
	(Paleógrafo - p. 46 - Dona)	(Carta 58, l. 15 - Dona)
Abreviatura sobreposta	(Paleógrafo - p. 14 - amiga)	(l. 29 - amiga)

Quadro 13 – Etimologização da escrita

Ocorrências	Exemplos extraídos do paleógrafo (SILVA, 1900)	Exemplos extraídos das cartas
Acceite por aceite	 (Paleógrafo, p. 23 - <i>acceite</i> )	 (Carta 81, l. 13 – <i>accite</i> por <i>acceite</i> )
Elle/ella por ele/ela	  (Paleógrafo, p. 31 - <i>elle</i> ) (Paleógrafo, p. 34 - <i>ella</i> )	  (Carta 38, l. 15 - <i>elle</i> ) (Carta 58, l. 22 – <i>ella</i> )
D'elle ~ delle por dele	 (Paleógrafo, p. 18 – <i>d'elle</i> )	 (Carta 38, l. - <i>d'elle</i> )
Occasião por ocasião	 (Paleógrafo, p. 13 – <i>ocasião</i> )	 (Carta 81, l. 15 – <i>ocaziao</i> )

Barbosa e Lima (2019) apontam que os casos de ortografia incorporados na leitura podem ser considerados muito maiores do que aqueles predicados em manuais e em gramáticas. Desse modo, apesar de estarmos diante de um tipo de manual que oferece textos modelares e que era utilizado para a aprendizagem e o aprimoramento da leitura da letra manuscrita, não estamos assumindo que as formas etimologizadas empregadas nas cartas tenham sido influenciadas apenas pelo compêndio, mas também por outros textos, como revistas e jornais.

Ainda que o livro utilizado para a comparação dos alfabetos não seja o mesmo utilizado pelos redatores durante o período escolar, é incontestável que os modelos de escrita apresentados no manual podem ser considerados como modelos de escrita do início do século XX e que podem ter influência na grafia dos redatores.

## CONCLUSÃO

A descrição dos *aspectos codicológicos* permitiu uma análise mais profunda acerca do suporte material dos manuscritos e a identificação da marca de terceiros nos documentos, além de levantar as informações detalhadas sobre os suportes, permitindo, aos interessados, a familiarização com os manuscritos.

Já a descrição dos *aspectos paleográficos* possibilitou a composição dos alfabetos dos redatores dos documentos, o que assegura uma transcrição fidedigna e, conseqüentemente, uma leitura confiável dos manuscritos, além de possibilitar a identificação de abreviaturas utilizadas no início século XX e de vocábulos etimologizados, que podem trazer indícios sobre a história da língua portuguesa.

Quanto à comparação dos alfabetos dos quatro manuscritos com os modelos trazidos pelo *Paleógrafo*, concluímos que: (i) o alfabeto da *carta 37* apresenta características próximas aos modelos apresentados no compêndio, o que nos leva a acreditar que a

redatora tenha utilizado o manual em questão durante sua vida escolar e, ainda que apenas para praticar a leitura, o modelo de escrita utilizado no manuscrito está presente no manual; (ii) os alfabetos das *cartas 68 e 81*, mesmo apresentando pouca semelhança, são modelos de escrita previstos no compêndio; e (iii) o modelo de escrita apresentado na *carta 58* não foi localizado no manual utilizado nesta análise. Entretanto, levando em consideração as condições de alfabetização da redatora, acreditamos que o modelo adotado poderá ser localizado em outro exemplar.

Assim, as análises codicológica e paleográfica contribuem para a preservação dos manuscritos e a preparação para eventuais estudos linguísticos, enquanto a comparação com os modelos de escrita trazidos pelos manuais, como o de Silva (1900), podem ajudar a entender algumas das características apresentadas pelos manuscritos produzidos por redatores *pouco hábeis* e o processo de produção de tais documentos. Por fim, em trabalhos futuros, já em desenvolvimento, esperamos poder contribuir com a história da escrita ao expandir nossa análise às cartilhas e aos cadernos de caligrafia, também utilizados nas escolas como modelo de boa escrita.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. G. *Para uma história do português colonial: aspectos linguísticos em cartas do comércio*. 1999. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

BARBOSA, A. G. Tratamento dos corpora de sincronias passadas na língua portuguesa no Brasil: recortes grafológicos e linguísticos. In: LOBO, T. *et al.* (Org.). *Para a história do português brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2006, p. 760-780.

BARBOSA, A. G.; LIMA, A. X. *O controle do perfil sócio-histórico em corpora histórico-diacrônicos: a identificação de graus de letramento pela grafia etimológica do século XIX*. In: CASTILHO, A. T. (Org.). *Para a história do português brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto, 2019, V. 2, p. 168-205.

BATISTA, A. A. G. *Paleógrafos ou livros de leitura manuscrita: elementos para o estudo do gênero*. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Batista/batista.htm>>. Acesso em: 20 set. de 2018.

BPR. *Leitura manuscripta; lições colligidas*. 10<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1911.

CAMBRAIA, C. N. *Introdução à crítica textual*. 1<sup>a</sup> ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CARNEIRO, Z. O. N. *Cartas brasileiras (1809-1904): um estudo linguístico-filológico*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2016.

- CASTRO, Ivo. *Curso de História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.
- CONTRERAS, M. N. *Manual de Paleografia: fundamentos e historia de la escritura latina hasta el siglo VIII*. Madrid: Cátedra, 1994, p. 35-55.
- COSTA PINTO, J. *Memória Histórica e Genealógica dos Mendonça Bezerra Ferreira de Moura: Uma saga de religiosidade e colonização – desenvolvimento e atualização da árvore genealógica das principais famílias do Pedrão*. Salvador: Núcleo de Estudos Genealógicos e Heráldicos da Bahia, 2003.
- GOMES, Lindolfo. *Exercício de leitura manuscrita*. 14ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1955.
- MONTE, V. M. Uma descrição codicológica: documentos setecentistas. *Revista Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, n. 10-11, p. 103-120, 2 jun. 2009. Disponível em: < <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i10-11p103-120> >.
- PETRUCCI, Armando. *La scrittura: ideologia e rappresentazione*. Torino: Einaudi, 1986.
- PETRUCCI, A. *La ciencia de la escritura: primera lección de paleografía*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2003.
- SANTIAGO, H. S. *A escrita por “mãos inábeis”: uma proposta de caracterização*. 2019. 722 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019. Disponível em: < <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/29323> >.
- SILVA, E. N.; LOPES, C. R. S. O perfil sociolinguístico de um casal não ilustre: uma análise grafemática através da edição de cartas particulares. *Revista Confluência*: Rio de Janeiro, v. 43, p. 78-104, 2012. Disponível em: < <http://llp.bibliopolis.info/confluencia/pdf/657.pdf> >.
- SILVA, c. *Paleógrafo – leitura manuscrita: adoptado nos principaes collegios d’este reino e do Brasil*. Lisboa: Instituto Calligraphico, 1900.
- SOUZA, A. S. Aspectos paleográficos para a crítica filológica. In: LOSE, A. D.; SOUZA, A. S. *Paleografia e suas interfaces*. Salvador: EDUFBA, 2018, p. 74-79. Disponível em: < <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/26224> >.
- SPINA, S. *Introdução à edótica: crítica textual*. São Paulo: Cultrix/ Edusp, 1977.
- TELLES, C. M. Paleografia e sociolinguística histórica: a análise grafemático-fonética. In: LOSE, A. D.; SOUZA, A. S. *Paleografia e suas interfaces*. Salvador: EDUFBA, 2018, p. 92-124. Disponível em: < <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/26224> >.

**Recebido em:** 20/12/2020

**Aprovado em:** 05/02/2021

**Publicado em:** 25/07/2021